
**SOBRE ÉBRIOS, LASCIVOS E COLÉRICOS: OS CORPOS
ENFERMOS NA OBRA DE FRANCISCO DE MELO FRANCO (1794)****ABOUT DRUNKARDS, LECHEROUS AND CHOLERIC: THE ILL
BODIES IN FRANCISCO DE MELLO FRANCO WORK (1794)**

Tarcila Nienow Stein¹
Mestranda História Unisinos
Bolsista CAPES/PROSUP
tarcilannw@gmail.com

RESUMO: Este trabalho analisa a obra do médico brasileiro Francisco de Melo Franco, intitulada “*Medicina Teológica ou súplica humilde feita a todos os Senhores Confessores, e Diretores, sobre o modo de proceder com seus Penitentes na emenda dos pecados, principalmente da Lascívia, Colera e Bebedice*”, de 1794. Inserida em um contexto marcado pelas transformações promovidas pela Ilustração em Portugal, a polêmica obra de Melo Franco foi dirigida aos confessores da Igreja Católica e propunha uma medicina que deveria conciliar o conhecimento do corpo com o da alma. Para doenças como a lascívia, a cólera e a bebedice, tidas como os três males sociais do período, Melo Franco recomendava tratamentos à base de medicamentos e de exercícios, enfatizando que somente os médicos possuíam a competência necessária para descobrir as causas desses males e curá-los.

PALAVRAS CHAVE: Medicina Teológica; Francisco de Melo Franco; Doenças do ânimo.

ABSTRACT: This paper analyzes the work of Brazilian doctor Francisco de Melo Franco, entitled “*Medicina Teológica ou súplica humilde feita a todos os Senhores Confessores, e Diretores, sobre o modo de proceder com seus Penitentes na emenda dos pecados, principalmente da Lascívia, Colera e Bebedice*”, published in 1794. In a context marked by the changes promoted by the Enlightenment in Portugal, the controversial work of Melo Franco was addressed to the priests of the Catholic Church and proposed a medicine that should combine the knowledge of both body and soul. For diseases such as lust, anger and drunkenness, taken as the three social ills of the period, Melo Franco recommended treatments with medication and exercise, emphasizing that only doctors had the skills necessary to find the causes of such illnesses and cure them.

KEYWORDS: Theological Medicine; Francisco de Melo Franco; mood diseases.

¹ Orientanda da Prof.^ª Dr.^ª Eliane C. D. Fleck.

Introdução

Em 1794, foi publicada em Portugal a obra “*Medicina Teológica ou súplica humilde feita a todos os Senhores Confessores, e Diretores, sobre o modo de proceder com seus Penitentes na emenda dos pecados, principalmente da Lascívia, Colera e Bebedice*”. O compêndio, segundo o próprio autor, previa a instrução dos padres confessores, a quem os pecadores recorriam em busca de perdão. Para Francisco de Melo Franco, a sociedade portuguesa vivenciava, ao final do século XVIII, os imensos estragos causados por aqueles que ele denominou de os “piores pecados”, a saber: a lascívia, a cólera e a bebedice. Interessante mencionar que o autor não refere os sete pecados capitais definidos pela Igreja, propondo diagnósticos e tratamentos para doenças/pecados como a cólera, a melancolia (e a nostalgia), a lascívia (e variações como ninfomania, erotomania), o amor e a bebedice. Assim nasce a obra publicada anonimamente² e que se constituiria em tentativa de mediação entre medicina e teologia. Em suas primeiras páginas, o médico mineiro, nascido em Paracatu, e egresso da Universidade de Coimbra, propõe uma aliança entre Teologia e Medicina, defendendo que estas duas “ciências” que deveriam estar interligadas. Ao longo dos capítulos, Melo Franco não somente apresenta claramente a proposta da substituição do confessor pelo médico, como se propõe a instruir os teólogos em medicina, para que se tornassem “bons confessores”.

Quatro são os ofícios que dizem os Teólogos exercita um Confessor no Sacramento da Penitência, que são: o de Pai, de Juiz, de Doutor, e de Médico. Esses ofícios são distinguidos por todos os moralistas, na intenção de que os Confessores por todos os modos, procurem a salvação de seus Confessados; porém bastava que neles se reconhecesse o ofício de médico para os obrigar a desempenhar todos os demais. (FRANCO, 2008 [1794], p. 09).

Assim, “Uma das fontes mais importantes para se compreender as relações entre idéias psicológicas e biológicas no contexto luso-brasileiro do século XVIII é o livro Medicina

² Melo Franco nunca chamou para si a responsabilidade sobre suas obras, provavelmente por temer ser preso novamente. Mas há fortes indícios de que a obra seja de sua autoria, como já apontado por historiadores do século XIX, como Varnhagen, que estabeleceram relações entre a “*Medicina Teológica*” e as demais obras escritas por Melo Franco, atribuindo a ele a autoria da primeira.

Theologica, publicado em 1784, pelo médico mineiro Francisco de Melo Franco (1757-1823)” (SILVA, 2008, p. 336). Obra polêmica, dada a proposição de substituição dos confessores, ela acabou por ser censurada pelo Santo Ofício, pouco tempo após sua publicação. Nela, também, podem ser encontradas algumas das mudanças ocorridas no pensamento moderno da segunda metade do XVIII, em especial, das ocorridas na Medicina, em função das teorias de que o corpo era uma rede de tubulações e vasos que permitiam que os líquidos do corpo circulassem.

Na perspectiva do médico formado em Coimbra, o emprego desta medicina asseguraria o “bem viver”, já que, através do emprego de certos procedimentos terapêuticos – descritos ao longo dos vinte e três capítulos da obra –, os confessores poderiam melhor aconselhar os fiéis católicos, garantindo, assim, a saúde de seus corpos e mentes. Buscando remediar estas doenças, Melo Franco recomendava tratamentos à base de medicamentos e de exercícios, enfatizando que somente os médicos possuíam a competência necessária para descobrir as causas desses males e curá-los.

A análise desta obra nos permite identificar as teorias médicas vigentes em Portugal no século XVIII e avaliar as influências que os teóricos ilustrados e a reforma do ensino da Universidade de Coimbra exerceram tanto sobre a formação dos médicos, quanto sobre as formas de perceber o corpo humano, as causas das doenças e as terapias curativas. Sendo assim, neste trabalho apresentamos, em um primeiro momento, uma caracterização do período de formação de Melo e Franco em Portugal e das teorias médicas vigentes ao final do século XVIII, procurando identificar as influências que ambos exerceram nas terapêuticas propostas por Melo Franco.

A Ciência em Portugal e a reforma do Ensino no século XVIII

A concepção de ciência da qual compartilhavam os ilustrados em Portugal aponta para a proximidade da Ilustração portuguesa com o Iluminismo no restante da Europa. [...] A ciência dita “moderna” se constituiu, por um lado, a partir da crítica ao ensino livresco e, por outro, pela defesa na superioridade da técnica e da experimentação. (ABREU, 2007b, p. 86)

Em um Portugal marcado pelo reformismo ilustrado, a Ciência foi percebida como um elemento fundamental para o progresso do estado e da nação. Nesse sentido, podemos pensar que a formação médica e acadêmica em geral dos súditos portugueses fazia parte de um projeto de aperfeiçoamento da sociedade. Vale lembrar que as famílias brasileiras – como no caso do autor em questão – desde o início do século XVIII, enviavam seus filhos para estudar na Europa, momento em que tomavam contato com as teorias mais modernas da época e passavam a integrar uma ampla rede de conhecimento estabelecida entre as universidades européias e as sociedades coloniais. Del Valle (2009), referindo-se à conformação de uma epistemologia própria do século XVIII, considera que a viagem sempre foi o melhor meio de observar, investigar e compilar o mundo, uma forma de conhecer e de definir-se a si mesmo.

O período em que Francisco de Melo Franco estuda em Coimbra é marcado pelas transformações ocorridas anos antes, quando da reforma do ensino na universidade, após a expulsão dos jesuítas, culpabilizados por todo o atraso que caracterizava Portugal em meados do século XVIII³. Os reformistas, simpáticos às teorias do Marquês de Pombal, propuseram reformas de caráter ilustrado nas universidades, visando a um ensino mais baseado no experimentalismo, especialmente, para os cursos de Medicina. No caso do curso oferecido em Coimbra, o currículo passou a se preocupar com a formação de médicos “úteis ao Estado”, na medida em que estariam encarregados da manutenção da saúde da população. Afinado com esta premissa, Melo Franco se propõe a remediar aquelas enfermidades que tornavam os sujeitos ociosos⁴.

As propostas de renovação do ensino da medicina no Reino foram incorporadas em grande parte nos Estatutos da Universidade de Coimbra de 1772, que visavam reformar o ensino na Universidade. A elaboração dos

³ Os jesuítas foram expulsos de Portugal e de seus domínios coloniais durante o governo do Marquês de Pombal (1750-1777). Dentre as críticas feitas pelos ilustrados à Companhia de Jesus estava a de que comprometiam o progresso científico, reagindo de forma conservadora às inovações nos mais variados campos do conhecimento, havendo, em razão disso, uma intervenção nas universidades portuguesas, em especial, na de Coimbra, onde Francisco de Melo Franco viria a estudar Medicina. Da intervenção ilustrada nas universidades portuguesas resultaram relatórios sobre as suas condições, os quais atribuíram aos jesuítas – que controlavam as redes de ensino na época – a responsabilidade pela baixa qualidade de ensino. Sabe-se que com a extinção da Ordem e com a expulsão dos jesuítas dos domínios coloniais ibéricos, as obras produzidas por seus membros foram censuradas e descartadas, devendo-se, contudo, considerar que muitos de seus ensinamentos e concepções se mantiveram através daqueles que por eles foram instruídos na Universidade de Coimbra ou em outras universidades européias, influenciando, portanto, as gerações posteriores de acadêmicos.

⁴ Além da obra “*Medicina Teológica*”, Melo Franco também escreveu e publicou “*Reino da Estupidez*” (1785), “*O Filósofo Solitário*” (1787), “*Tratado da Educação física dos meninos, para uso da nação portuguesa*” (1790), “*Elementos de Higiene*” (1814) e “*Ensaio sobre as febres*” (1829)

novos estatutos, em substituição aos de 1563, relaciona-se com os esforços empreendidos por parte do rei D. José I em renovar as bases da cultura e da ciência em Portugal, tendo a frente de seu governo Sebastião José de Carvalho e Melo, conhecido mais tarde por Marquês de Pombal. Nesse contexto, havia um ambiente favorável aos princípios da Ilustração e da renovação cultural. As idéias do Iluminismo, apropriadas de forma seletiva no Reino, representaram um incentivo à cultura científica em diversas áreas do conhecimento. (ABREU, 2007, p. 154)

Muitos dos textos que influenciaram a reforma são de teóricos que durante muito tempo viveram longe do Reino. De uma maneira geral, os “estrangeirados” tinham por objetivo difundir no Reino os princípios da ciência moderna, aplicando-os a diversas áreas de saber. Em diversos aspectos, suas obras espelhavam uma rejeição à tradição aristotélica e à Escolástica, incluindo propostas modernizantes.

A reforma da Universidade, bafejada pelas Luzes, procurava se guiar pelo avanço da ciência moderna e pelo racionalismo. Embora a reforma do ensino introduzida pelo grupo dirigente pombalino não tenha rompido de todo com a tradição escolástica, o fato é que a Universidade de Coimbra foi o centro de contato mais avançado do saber ilustrado. As páginas dos Estatutos dedicadas à medicina colocam em evidência não só a tentativa de transformar os estudos médicos, mas também a de garantir o devido valor às disciplinas até então colocadas em segundo plano, como a anatomia. Da mesma forma, almejava-se que os estudantes tivessem acesso mais à observação e à prática da medicina, valorizando-se, por exemplo, os estudos farmacêuticos e a cirurgia. (ABREU, 2007, p. 152)

Segundo Abreu (2007), o novo texto dos Estatutos da Universidade de Coimbra redefiniu o papel da prática na formação dos médicos, que assumiu contornos melhor definidos, já que os estudos de medicina e cirurgia vigentes antes da Reforma traziam consigo uma concepção “prejudicial aos progressos da arte de curar e funesta à vida dos homens não sendo possível que seja bom médico, quem não for ao mesmo tempo cirurgião”, determinando que “sejam todos os médicos ao mesmo tempo cirurgiões”. (ABREU, 2007, p. 155) No caso específico do curso de Medicina, percebemos a valorização de disciplinas como a cirurgia e os estudos da anatomia humana, além do aprofundamento em estudos farmacêuticos:

Após o curso preparatório, o aluno passaria a entrar em contato com disciplinas mais específicas à formação do médico. No primeiro ano do curso, o aluno estudaria a matéria médica, constituída pela história da medicina e o estudo das virtudes de diversas plantas e raízes. O segundo ano era dedicado inteiramente à anatomia, com aulas práticas no hospital, enquanto o terceiro se ocupava das instituições médicas, em que os alunos aprendiam medicina teórica, fisiologia, patologia, semiologia, higiene e terapêutica. No quarto ano, os alunos estudavam os aforismos de Hipócrates

e Boerhaave, enquanto o quinto era dedicado inteiramente ao ensino clínico da medicina e à prática no hospital. (ABREU, 2007c, p. 88)

A Medicina Teológica: doenças e terapêuticas

Na obra de 1794, o autor propõe uma medicina que busca conciliar o conhecimento do corpo (saber que cabe aos médicos) com o da alma (saber que compete aos confessores), visando a uma melhor capacitação dos confessores diante de certas doenças: “(...) Mas para que o Confessor conheça o homem fisicamente e moralmente qual é a ciência que em compêndio o dispõe, e facilita? Não é outra mais que a ciência dos nervos, ou instrumentos com que a alma e o corpo se movem reciprocamente” (FRANCO, 2008 [1794], p. 30-31).

As histórias estão sempre cheias de sucessos, que nos fazem mover a compaixão. Um grande amor, uma grande saudade, uma grande colera e uma grande bebedice ocasionarão sempre sintomas nervosos os mais funestos e horríveis. As convulsões, a cathalepsia (sic), os tetanos, as sincopes, a phthisica (sic), mil enfermidades, e ainda morte são seis efeitos mais ordinários. (FRANCO, 2008 [1794], p. 35).

À época, os afetos ou as paixões da alma eram percebidos como não-naturais ao ser humano, sendo tanto a causa de muitas doenças, quanto potenciais aliados no combate a outras doenças. Dentre as paixões, a menos danosa seria a alegria, pois dava contentamento e podia ajudar a engordar os muito magros; a cólera poderia ajudar aqueles que são fleumáticos, pois aquecia o corpo e intensificava o fluxo sanguíneo; a tristeza podia ser fatal, com exceção daqueles que contavam com boa condição física; por fim, o medo não era indicado em situação nenhuma, apenas em casos de risco de vida, como forma de auto-proteção.

Para Franco, os remédios exclusivamente morais seriam inúteis porque seria ineficiente agir apenas na alma. Orações, jejuns e disciplinas de nada valem. Ao invés de considerar o corpo um mero escravo rebelde da alma, o confessor deve aprender as leis que regem seu funcionamento. Não basta ser apenas médico de almas, ele deve necessariamente remediar o corpo. (SILVA, 2008, p. 336)

Para afastá-lo de seu vício, antes que fizesse mal a si ou aos demais, era preciso remediá-lo, através de exercícios e/ou trabalhos penosos e também de medicamentos, sendo que para os apaixonados, deveriam ser administrados licores amargos ou azedos, e para os coléricos, bebidas doces ou refrigerantes. Os chamados líquidos refrigerantes são bebidas carbonatadas, semelhantes às águas minerais naturalmente gasosas, mas que eram produzidas, artificialmente, pelos farmacêuticos. Ao longo dos vinte e três capítulos, também encontramos recomendações de tratamentos e remédios:

[...] eu considero aos Confessores como Medicos que curão não só o formal dos pecados, porém também o material, isto é, que não somente conhecem os pecados como uma transgressão da Lei, mas também das causas físicas que eles dimanão [sic]: que não somente absolvem os Penitentes depois de se capacitarem de sua dor, e proposito; mas também lhes prescrevem medicamentos físicos, que ajudarão a perseverar na emenda prometida, a vencer os maus hábitos [...] (FRANCO, 2008 [1794], p. 16).

“Não se pode exepuar do catalogo das enfermidades ao Amor. Qualquer que ele seja, ou Divino, ou Humano é sempre uma doença”. (FRANCO, 2008 [1794], p. 38). Dentre os remédios recomendados por Melo Franco estão os exercícios, que, geralmente, envolvem “atividades penosas” – visando distrair o enfermo –, o que pode variar de doença para doença ou de pessoa para pessoa, mas as mais comumente citadas são: as atividades físicas (como a lavoura), a leitura e até mesmo a oração. Visavam distrair o paciente, como se pode constatar no tratamento recomendado a um homem apaixonado por ciências. Primeiramente, Melo Franco descreve a alegria que este homem sentia quando tomava contato com obras novas, sua fúria enquanto não terminava de ler o livro novo, sua tristeza por estar distante de seu acervo. Sendo assim, percebemos como o autor via no amor uma perigosa enfermidade, pois possuía significativo potencial para reunir os demais desvios de virtude, podendo causar a cólera, a melancolia, e, em alguns casos, até mesmo a bebedice.

No capítulo em que discute a Ninfomania, o autor aconselha que os confessores buscassem os médicos para a aplicação de remédios físicos, como as sanguessugas ou os purgantes e que recomendassem comidas e bebidas refrigerantes, como a chicória e as limonadas, além dos banhos. (FRANCO, 2008 [1794], p. 64). Melo Franco também prescreve

remédios para o clero, que estava também sujeito a sofrer de enfermidades da alma, tais como a lascívia:

[Sobre a ninfomania] porque o abuso dos Vitriolos quando passasse dos trinta, e quarenta dias, as poderia refrigerar tanto, que as induzisse à esterilidade [...] Sendo, porém Freira a enferma, ou que por estar ligada com votos solenes devam viver no celibato, estas poderão continuar no uso das gotas do Vitriolo [...] (FRANCO, 2008 [1794], p. 65).

Cólera e Melancolia são descritas pelo autor como enfermidades que possuem aspectos positivos e negativos, pois a cólera poderia auxiliar aqueles que eram anêmicos e a melancolia poderia acalmar aqueles que se encontravam tomados pela ira. A Cólera, por sua vez, é descrita como a enfermidade causada pelo excesso das paixões. O autor a associa à Bile, evidenciando a sua identificação com as teorias humorais, que estavam em declínio no período⁵. Já os confessores identificavam os coléricos como aqueles que blasfemavam: “Sim: a colera é paixão geral em todos os homens, porém os seus furores são mais de alguns sujeitos que de outros”. (FRANCO, 2008 [1794], p. 110). Entre as terapêuticas, encontramos a recomendação do retiro espiritual, de comidas bem cozidas, de bebidas amargas, além de “[...] banhos tepidos emolientes, poucos vestidos, e tudo o mais que conduzir a humectar, dulcificar, e refrigerantes são sem dúvida os melhores remédios que a Medicina tem prescrito para as doenças biliosas [...] (FRANCO, 2008 [1794], p. 112). Ainda encontramos uma receita de “Cosimento lenitivo de Boerhave”⁶

Respice Avea com casca duas onças
Água pura tres libras
Faça cosimento até diminuir huma libra, e então coe, e na coadura misture
Sumo de limão fresco huma onça
Xarope de amoras huma onça
Beba o clerico as vezes que quizer entre dia, que tambem lhe pode servir de
alimento. (FRANCO, 2008 [1794], p. 112).

⁵ A teoria hipocrático-galênica reuniu os conhecimentos do grego Hipócrates e de seu principal seguidor Galeno. Segundo essa teoria, haveria saúde quando os humores (fluidos) corporais estivessem em equilíbrio, e doença quando houvesse desequilíbrio. Os tratamentos eram extrativos, através de sangrias e purgas. Também eram indicados determinados alimentos como forma de tratamento

⁶ Boerhaave foi um médico extremamente influente no século XVIII, sendo considerado um dos fundadores do hospital acadêmico. A partir das leituras realizadas, sabemos que ele teorizou sobre o corpo humano, concebendo-o – internamente - enquanto uma rede de tubulações e canos onde estavam os líquidos do organismo.

Quanto à Melancolia, o autor destaca a saudade da pátria como a grande causadora deste mal. Há também menção à separação do objeto amado (de fixação), mas em grande parte deste capítulo, o médico menciona a questão da distância entre o indivíduo e sua pátria, o que pode estar relacionado ao fato de que há 10 anos Mello Franco se encontrava fora do Brasil:

[Sobre a nostalgia] As pessoas mais atacadas deste mal, são as gentes moças de qualquer sexo que sejam, e que tiverão educação mole, entretida na variedade dos prazeres, e que vendo-se obrigados a ausentar-se por algum motivo, não podem tirar de seus corações o habito do amor com que estão presos, e faltando-lhes ao mesmo tempo o objeto, em que este amor se empregava, formão inuteis desejos, desesperão de o tornar a possuir, e se enchiam de tristeza, e melancolia, ou adoecem, e enlouquecem. (FRANCO, 2008 [1794], p. 45).

Assim, percebemos a nostalgia como uma enfermidade daqueles “fracos de espírito”, e que essa tristeza poderia, segundo Melo Franco, se tornar profunda e até matar. A nostalgia poderia causar a privação do apetite, fraqueza e enfraquecimento, sendo necessário remediá-la através de uma terapia ocupacional, quando não houvesse a possibilidade de devolver ao melancólico o objeto que provocava sua saudade.

O remedio principal é enviar estes penitentes para as suas patrias, e restabelecelos no seu estado antigo; mas se isto não puder executar-se licitamente, como na verdade não poderá ser com alguns Regulares clausurados, mais estreitamente como os Cartuxos, Conegos Renegantes, Freitas &c. então a mudança de objetos, o uso de nascoticosm o passio, o exercicio, a lição de Historia natural e civil, mudão as ideias, curão as saudades, e extirpão a raiz de varios pecados. (FRANCO, 2008 [1794], p. 47-48).

Além destas recomendações, o autor enumera fármacos, tais como a receita aqui descrita: “Respice Cabeça de Papoila branca em pedacinhos, e sem semente n.j. Coza-se em agua de fonte Lb. J. a diminuir 3jj, depois coe-se, e se dê de beber ao deitar” (FRANCO, 2008 [1794], p. 48).

Por fim, no capítulo em que o autor trata da Bebedice, ele descreve, primeiramente, as beneficies do vinho para a saúde, mas, como em todas as outras doenças anteriormente mencionadas, o exagero levava à enfermidade: “É para se lamentar, que o vinho sendo na

Medicina um excelente remédio para curar muitas enfermidades, venha ele mesmo ser por seu abuso um grande veneno, que mata a muitos depois de os fazer gemer com mil enfermidades”. Aos confessores, Melo Franco recomendava:

Agora o que mais quererão saber os Senhores Confessores são os remédios físicos com que se poderia extirpar o costume de se inebriarem os amantes do vinho? Ao que se pode responder que será difícil acharem-se remédios que tirem este costume com segurança, ou seja no moral, ou no medicinal, porque conselhos, e remedios moraes não só podem entrar no conhecimento de homens, que perdendo com a bebedice uma vez sua razão, nunca mais tornão a recuperar perfeitamente. (FRANCO, 2008 [1794], p. 118).

Como medida curativa para este vício, o autor recomenda – para alguns casos – a indução de bebidas até causar vômito, buscando a repulsa. Porém, era preciso tomar alguns cuidados se o enfermo fosse um eclesiástico secular ou regular, pois tal ato o faria abster-se e isso o impediria de celebrar os sacramentos. Se um Confessor fosse vítima do vício, o autor recomendava aliená-lo da comunidade, evitando a exposição de tal conduta.

O médico recomendava, ainda, algumas condutas, tais como penitências e uma dieta que consistia na ingestão de água fria bebida em jejum pela manhã, de comidas salgadas baseadas em azeite (farinhas, broas, legumes muito salgados), banhos frios ou molhar apenas os genitais em água fria – evitando que os vapores contendo álcool agitassem o corpo.

Para além de sua original proposta terapêutica – ao abordar questões pouco discutidas no âmbito médico –, Melo Franco também polemiza, ao criticar – às vezes, veladamente e, outras vezes, nem tanto – o clero, o que explica a apreensão da obra após um mês apenas de sua publicação e circulação. Além de abordar novas teorias que, em sintonia com o Reformismo Ilustrado, ampliavam não só o olhar sobre as doenças, suas causas e possíveis tratamentos, como previam também terapêuticas para as doenças do ânimo, as enfermidades psicossomáticas, Melo Franco acabou por se chocar com a Igreja católica:

Durante grande parte do século XVIII a medicina luso-brasileira foi marcada pelas influências da concepção hipocrático-galênica. [...] Embora tais aspectos não se limitassem à medicina portuguesa, o fato é que a cultura lusa se manteve relativamente fechada às inovações da ciência ocorridas em diversos países da Europa, o que se devia, principalmente, à influência da escolástica e da Igreja católica na universidade. (ABREU, 2007b, p. 80-81)

Em sua obra, Melo Franco defendeu que os religiosos somente poderiam atuar como médicos de almas se soubessem também curar os corpos:

A Teologia prática, o ofício de Confessor, é só do que devo tratar, segundo aquele respeito que os faz Médicos das almas, e que para bem cumprirem as suas obrigações lhes é preciso saberem a Medicina do corpo. Nesse sentido é que digo ser bom Confessor o que é bom Médico, e que entre milhares deve ser escolhido aquele que melhor tivesse unido a ciência das enfermidades da alma com as do corpo, e soubesse em que tudo remediar as deste para curar as daquela. (FRANCO, 2008 [1794], p. 21-22).

O autor se deteve, também, nos conhecimentos de clínica [e de neurologia] que os confessores deveriam ter para tratar os enfermos, o que o levou a afirmar que só poderia ser bom confessor aquele que fosse bom médico, afirmação que, inclusive, dá nome ao capítulo II. Em outra passagem, Melo Franco parece estar preocupado não só com os efeitos de uma prática médica mal executada, mas também com uma orientação mal dada pelos confessores: “[A Santa Igreja] Ela quer sem dúvida que os Senhores Confessores conheçam os homens física, e moralmente, quer que eles evitem aqueles erros do fanatismo, e superstição em que caíram tantos Escritores, que ignorarão os modos com que a Natureza obra”. (FRANCO, 2008 [1794], p. 30-31)

A obra, na perspectiva de Melo Franco, asseguraria o “bem viver”, já que, através dela, os confessores poderiam melhor aconselhar e também curar os fiéis, partindo da descrição diagnóstica das doenças e da proposição de tratamentos à base de medicamentos e de exercícios.

Considerações finais

Apesar de ter sido escrita para um público em específico, os confessores, o autor enfatiza que são os médicos que detêm os conhecimentos para curar os vícios, propondo que as doenças da alma – os vícios e as paixões – deviam ser avaliadas [e tratadas] não sob uma perspectiva exclusivamente teológica, mas, também, psicossomática. Para Melo Franco, o tratamento deveria ser aplicado tanto ao corpo, quanto à alma, alcançando-se, assim, a cura.

[...] E mesmo me contento que os Senhores Confessores tivessem somente da Medicina aqueles conhecimentos físicos, que lhes mostrassem os inconvenientes da Lascívia, Cólera e Bebedice; ou aquelas enfermidades que na Teologia tem o nome de Carnais, para que sabendo-as curar, soubessem também constituir seus condenados no caminho as salvação, com esperança mais segura da emenda de seus maus hábitos. (FRANCO, 2008 [1794], p. 19).

Identificado com o racionalismo cientificista do período e protegido pelo manto do anonimato, o autor da “Medicina Teológica” condenaria e denunciaria as práticas curativas mágico-religiosas [que incluíam água benta, promessas e exorcismos], propondo que as doenças da alma – até então afetas, exclusivamente, aos religiosos – passassem a ser alvo da atenção também da Medicina.

Franco argumentou que combinar a teologia com a medicina produziria mais frutos na própria Igreja do que os teólogos, que ele considerava sobremaneira ascéticos e abstratos, ocupados unicamente com as idéias platônicas e aristotélicas. O que se lê, porém, ao longo de seu livro não é uma conciliação das duas disciplinas e dos dois campos de ação, mas uma tentativa de subordinar a teologia moral à medicina. (SILVA, 2008, p. 337)

A Medicina Teológica de Francisco de Melo Franco parece não apenas apontar para as mazelas que atingiam a sociedade portuguesa da segunda metade do XVIII, como evidenciar as reflexões que seu autor fez sobre as situações que conheceu e viveu enquanto estudante em Coimbra. O autor, na obra discutida, parece empenhado em remediar doenças que ele e seus pares podem ter vivenciado. Melo Franco escreve também demonstrando familiaridade com os procedimentos adotados pelos confessores, o que melhor o habilitaria, considerando sua experiência pessoal, a propor a substituição do confessor pelo médico. Estas passagens revelam o que podemos denominar de “escrita de si”, na medida em que o autor se posiciona como “eu” no texto, ao tratar da moral, dos vícios e das virtudes próprias da América portuguesa – onde Melo Franco nasceu e viveu parte de sua juventude – e de Portugal - uma nação que precisava dos médicos para trilhar o caminho das Luzes e, assim, alcançar o progresso. Para que Portugal fosse bem sucedido neste propósito, alguns pecados precisavam ser erradicados, pois coléricos, melancólicos e beberrões não eram tidos como bons súditos e não eram úteis a um estado progressista.

Se, por um lado, pode-se aventar que Melo Franco valeu-se das vivências dos tempos boêmios de estudante universitário, dos conhecimentos de Medicina e da experiência obtida através do exercício do ofício de médico, por outro, pode-se especular sobre quais das doenças abordadas na *Medicina Teológica* teriam sido experimentadas pelo próprio autor, o que nos permitiria pensar a obra muito mais como um relato testemunhal do que uma obra de medicina em sintonia com os princípios iluministas e dedicada aos padres confessores. Mas este é, com certeza, um tema a ser explorado em outra oportunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Jean Neves. “A educação física e moral dos corpos: Francisco de Mello Franco e a medicina luso-brasileira em fins do século XVII. **Revista de Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXXII, n. 2, p. 65-84, dezembro de 2006.

_____. Os estudos anatômicos e cirúrgicos na medicina portuguesa do século XVIII. **REVISTA DA SBHC**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 149-172, jul, dez 2007.

_____. Ilustração, experimentalismo e mecanicismo: aspectos das transformações do saber médico em Portugal no século XVIII. **Topoi**, v. 8, n. 15, jul.-dez. 2007, p. 80-104.

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulário Portuguez e latino**, v. 01-02, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

_____. **Vocabulário Portuguez e latino**, v.05, Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, Impressor de Sua Magestade, 1716.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros**. Brasília: Editora UNB, 1994.

_____. **A história ou a leitura no tempo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

COMPÊNDIO DO ELOGIO HISTÓRICO LIDO NA SESSÃO PÚBLICA DA SOCIEDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO, EM 31 DE JANEIRO DE 1831, PELO DR. JOSÉ MARTIM DA CRUZ JUBIM. **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. V.5. Rio de Janeiro, 1885.

FRANCO, Francisco de Melo. **Medicina Teológica ou súplica humilde a feita todos os Senhores Confessores e Diretores, sobre o modo de proceder com seus Penitentes na**

emenda dos pecados, principalmente da Lascívia, Cólera e Bebedice. Rio de Janeiro: Editora da Biblioteca Nacional, 2008.

FERRAZ, Márcia Helena Mendes. **As ciências em Portugal e no Brasil (1772-1822):** o texto conflituoso da química. São Paulo: Editora Educ, 1997.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A Arte de Curar: cirurgiões, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais.** Belo Horizonte: Editora Argemum, 2008.

MAXWELL, Kenneth. **Marquês do Pombal, paradoxo do iluminismo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

LEITÃO, Henrique. FRANCO, José Eduardo (org.). **Jesuítas, ciência e cultura no Portugal moderno.** Lisboa: Esfera do Caos Editora, 2012.

LEMONS, Francisco. **Relação Geral do estado da Universidade de Coimbra (1777).** Coimbra: Editora Universidade de Coimbra, 1980.

MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. A difusão da Medicina acadêmica e das práticas científicas no espaço luso-brasileiro. Da Corte à Província, a trajetória de Francisco de Mello Franco. **Anais do 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia.** SBHC: São Paulo, 2012.

MASSIMI, Marina. A Psicologia dos Jesuítas: Uma contribuição à História das Ideias Psicológicas. **Psicologia: Reflexão e Crítica.** V.14(3), 2006.

_____. As ideias psicológicas de Francisco de Melo Franco, médico e iluminista brasileiro. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** v.7, nº1, 1991.

NUNES, Rossana Agostinho. **Nas sombras da libertinagem: Francisco de Melo Franco entre luzes e censura no mundo luso-brasileiro.** Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal Fluminense, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Simone Santos de Almeida. **Iluminismo e ciência luso-brasileira: uma semiologia das doenças nervosas no período joanino.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde *FIOCRUZ*. Defendida em janeiro de 2012.

SILVA, Maria Beatriz Nizza. **Vida privada e cotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI,** Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

SILVA, Paulo José Carvalho da. Saúde e Conhecimento na França do século XVII. **Memorandum,** v.10, p. 33-50, 2006.